

P7

O GLOBO

JOSÉ SARNEY

O domingo que mudou a História

11 ABR 1993

11 ABR 1993

São Paulo, este homem extraordinário, não acompanhou Cristo. Não o viu pregar, não o viu fazer milagres, não sentiu o seu corpo vivo a transmitir transcendência. Mas foi o que Nele mais acreditou, convertido. Ele não podia ter aquelas alucinações que São Pedro confessava e que se encontra num escrito ebionita, citado por Renan, do ano de 135: "Levanto-me à meia-noite, e não mais adormeço. E o resultado do meu hábito de evocar as palavras do Senhor, que ouvi e não desejo esquecer, conservando-as fielmente em minha memória."

São Paulo não viu Cristo, não o ouviu, mas a ele se dedicou como ninguém. Foi o grande divulgador do cristianismo. "Eu não vim para bati-zar", dizia ele, "eu vim para evange-

lizar". E é de São Paulo a afirmação radical: "Sem ressurreição não há cristianismo." Este é o grande mistério e a grande inovação. O homem sempre buscou ser eterno. Criou deuses, com eles conviveu. Com a fatalidade da morte, buscou a eternidade da alma. Vem o cristianismo e inova: ressuscitaremos com os nossos próprios corpos e nossas próprias vestes. A isso, chamou Unamuno, o "sentimento trágico da imortalidade".

Há muitas coisas intrigantes no cristianismo, a começar pela vida de Cristo. Nada se sabe sobre ela. Nenhum historiador da antiguidade tomou conhecimento daquela sexta-feira em Jerusalém em que três homens foram crucificados; dois ladrões é um Nazareno, pregador de idéias contrárias à lei mosaica, dado a curas. No entanto, nenhum acontecimento teve uma repercussão tão grande, tão profunda e tão transformadora na História da humanidade

do que aquele fato. Ele derrubou o Império Romano, acabou com a antiguidade clássica e inaugurou novos tempos.

Cristo não foi um questionador do poder. Não foi o chefe de uma revolta. Separou aquilo que era atribuição dos judeus, a guarda da religião, vestidos de capas pretas, os ocupados, e dos ocupadores romanos, o poder, com suas clâmides vermelhas. "Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus."

Mas suas idéias eram as mais revolucionárias e demolidoras da ordem constituída. Era um mundo de escravos e senhores, de castas. Nas cidades vivia pouca gente: encarregados dos negócios oficiais, mercados, artesãos. A elas a população somente ia para os Jubileus. Jerusalém, antiga cidade de David, devia ter quantos habitantes? Muito pouco. Cafarnaum, sabemos que possuía dois mil. Em 1922, em Jerusalém moravam 22 mil almas. Quantas em

0034? É fato que Herodes, o Grande, obrigou a construção de ruas largas, a melhorar as casas, retirar a sujeira, iluminar a cidade "para afugentar demônios e anjos" e "retirar as fumaças de sangue calcinado (?) e vapores de incenso que empestavam as sinagogas" (Mesadiê).

Jesus fora a Jerusalém passar a Páscoa. Veio pelo caminho de Betânia, fugindo da rota de Emaús, a do mar. Num processo rápido, como era costume e moda, chega à cidade e é condenado à morte. Era comum as crucificações diárias. Naquele dia, sexta-feira, tinham três. Uma delas mudou a História e fez uma nova História.

Tudo isso chegou até nós através de um livro, sendo quatro. O Evangelho. No princípio, as logias, escritas descrevendo a pregação e os ensinamentos de Cristo. Fragmentos, aqui e ali. Depoimentos. Cristo não foi um teólogo, não construiu uma doutrina. Tudo dele saiu com uma

simplicidade e uma clareza incontesteáveis: as parábolas, forma camponeira de, pelo exemplo, dizer verdades.

Foi o Evangelho o verdadeiro milagre, mas o Evangelho era o próprio Cristo. Ele revelou que aquele Homem pregava a maior de todas as idéias já reveladas: "Somos todos filhos de Deus, iguais." O impacto e a força dessa mensagem salvavam o homem, passando a ser uma religião de todos, até mesmo dos escravos. "Rezemos pelos nossos inimigos", "fazer o bem aos que vos odeiam", extirpar a vingança, "amar uns aos outros", a necessidade de encontrar a salvação através de uma paz interior, que é a ausência de pecado, porque o pecado é a culpa. Essas idéias, embora fossem o contrário de tudo que pregava o código judaico, não foram as responsáveis pela sua condenação, porque não contagiaram os que viveram no seu tempo, a não ser os seus apóstolos e seguidores. Mas foram capazes de penetrar

fundo nas pessoas no futuro e prosseguiram até hoje. Elas são a revelação de um código de vida pura, de mudar o homem e mudar a humanidade.

Em todos os tempos discutiu-se o Cristo e o cristianismo. Não há literatura mais farta. Agora mesmo, na sequência da publicação dos papiros do Mar Morto e as pesquisas arqueológicas da Palestina, contesta-se a originalidade de sua doutrina, atribuída a uma seita dos essênios.

A tudo resiste o cristianismo. Resiste às descobertas do Big Bang, a origem da vida, a detecção das menores partículas do universo. Ao agnosticismo, porque existe um sentimento mais forte, o da Fé. Tudo isso tem um Criador. Sua revelação está na ressurreição, esta que São Paulo nos apontava como a essência de ser cristão.

José Sarney é membro da Academia Brasileira de Letras e senador pelo Amapá.